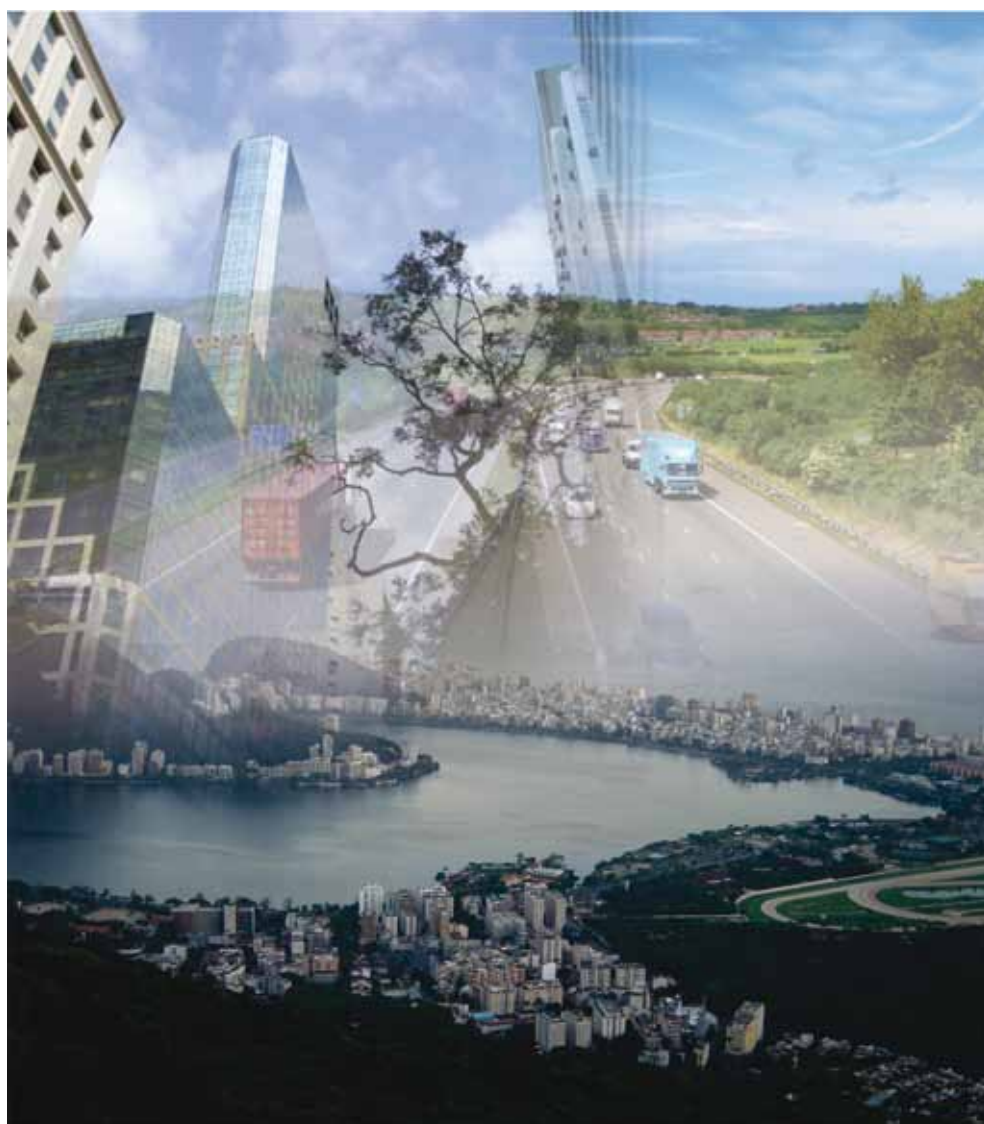


REFLEXÕES SOBRE A METRÓPOLE CARIOCA



Mauro Osorio da Silva

Economista e professor da FND/UFRJ;

Doutor em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ

Maria Helena Versiani

Historiadora e doutoranda em História Social no CPDOC/FGV

RESUMO: O presente artigo trata da trajetória econômica do Estado do Rio de Janeiro, e particularmente da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a partir dos anos 1960, até os dias atuais. São destacados os processos de grave crise econômica que atingiram a região, principalmente a periferia da RMRJ, as possibilidades no momento de enfrentamento e superação da crise, bem como os importantes desafios que ainda se fazem presentes. São também sugeridas medidas para o fomento ao desenvolvimento da metrópole carioca, baseadas centralmente em um planejamento integrado, tendo em vista o adensamento econômico de sua estrutura produtiva, a geração de emprego e renda para a população metropolitana, a redução das desigualdades sociais e a melhoria da qualidade de vida na região.

ABSTRACT: This article deals with the economic path of the state of Rio de Janeiro and particularly with Greater Rio, from the 60's until the present day. It highlights the processes of severe economic crisis that have hit the region, especially the outskirts of Greater Rio de Janeiro, the chances of coping with and overcoming the crisis in the present time, as well as the important challenges that are still present. Measures are also suggested to promote the development of Rio's Metropolitan Area, based centrally on an integrated planning, aiming the economic consolidation of its productive structure, the creation of employment and increase of income for the metropolitan population, the reduction of social inequalities and the improvement of the quality of life in the region.

PALAVRAS-CHAVE:
Economia; Metrópole
Carioca.

KEYWORDS:
Economy; Rio's Metropolitan
Area.

INTRODUÇÃO

O Estado do Rio de Janeiro enfrenta, a partir dos anos 1960 e principalmente anos 1970, uma grave crise econômica, social e política. Essa crise apresenta, entre suas razões: a transferência da Capital, status do qual derivava o dinamismo econômico não só da cidade do Rio, mas também da metrópole e mesmo do interior fluminense; a ausência ou equívoco nas estratégias regionais; e uma deterioração de sua representação política, tendo em vista que o golpe de 64 atingiu com particular violência a representação carioca, principalmente na Câmara dos Deputados (SILVA, 2005; SILVA, 2006; e VERSIANI, 2007).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 1970 (quando se consolida a transferência da Capital para Brasília) e 2009, o Estado do Rio de Janeiro (ERJ) passou de uma participação no Produto Interno Bruto (PIB) nacional de 16,7% para 10,9%. Isso significou uma perda de participação no PIB nacional de 34,5%, a maior, nesse período, entre todas as unidades federativas. Na mesma direção, os dados do PIB calculados pelo IBGE mostram que, entre 1970 e 2009, a Região Metropolitana do Rio de Janeiro apresentou uma perda de participação no PIB nacional de 46,24%, contra uma perda da Região Metropolitana de São Paulo de 27,97% e uma ampliação da Região Metropolitana de Belo Horizonte de 13,09%. Da mesma forma, a cidade do Rio de Janeiro, de acordo com o IBGE, passou, entre 1970 e 2009, de uma participação no PIB nacional, em 1970, de 12,84%, para uma participação, em 2009, de 5,43%. Nesse período, a cidade do Rio apresentou uma perda de participação no PIB nacional de 57,73%, a maior perda entre todas as capitais brasileiras. A gravidade da perda de participação do Estado do Rio de Janeiro na economia nacional pode ser verificada também pelos dados de evolução do emprego formal. Entre 1985 e 2010, de

acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego/RAIS (série mais longa disponível, com a mesma metodologia), o ERJ apresentou um crescimento do emprego formal no total de atividades de apenas 52,6%, contra um crescimento no Brasil de 115,1%. O crescimento do ERJ foi o menor entre todas as unidades federativas.

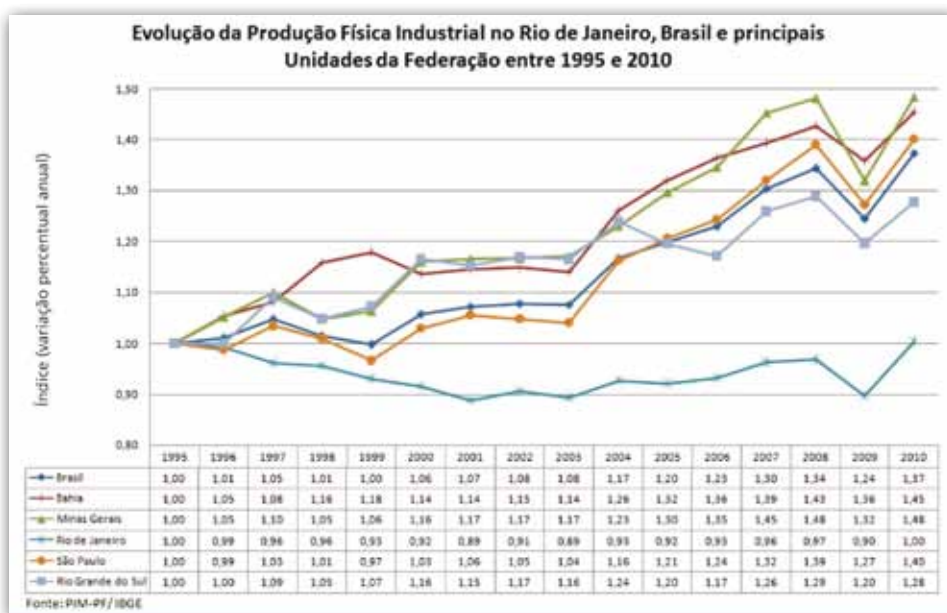
A partir de 1995, alguns autores passaram a apontar a existência de uma inflexão econômica positiva no Estado do Rio de Janeiro. No entanto, o conjunto dos dados existentes para o período pós-1995 não permite corroborar com essa hipótese.

Ao analisarmos, por exemplo, a trajetória da indústria de transformação no Estado do Rio de Janeiro, pós-1995, *vis-à-vis* às principais unidades federativas brasileiras, verificamos que a evolução do ERJ mantém-se como um ponto fora da curva, conforme mostra o gráfico a seguir.

Na mesma direção, entre 1995 e 2010, o crescimento do emprego formal no total de atividades, no ERJ, foi de apenas 51,8%, contra um crescimento no total do país de 85,5%. Isso manteve o ERJ com o menor crescimento entre todas as unidades federativas.

Essa crise pós-1960 tem, em nosso entendimento, sua gravidade às vezes subdimensionada, pelo fato de a extração de petróleo em alto-mar, na Bacia de Campos, ter impedido que o PIB de Minas Gerais ultrapassasse o do ERJ, apesar de sua perda de participação.

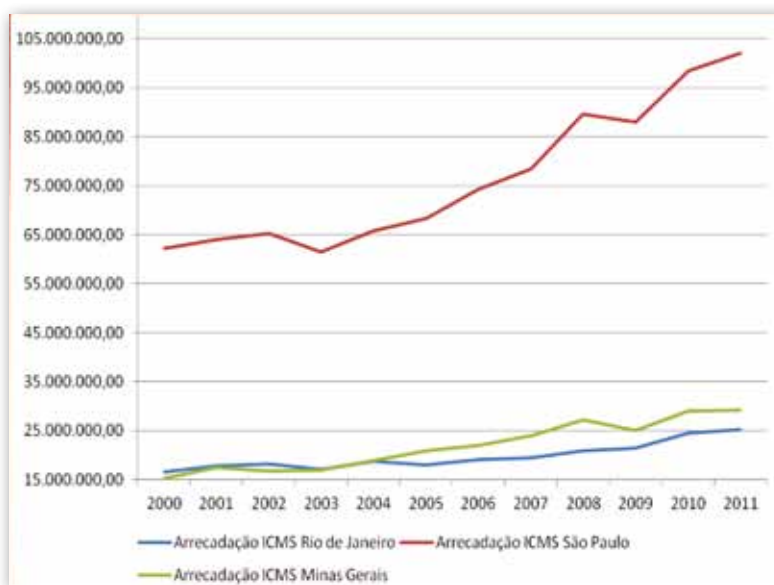
No entanto, a gravidade da crise ocorrida no ERJ pode ser verificada também pelo fato de o Estado do Rio de Janeiro – de acordo com dados de emprego formal, da RAIS/MTE –, ter passado da segunda posição, em 1985, em número de empregos formais (atrás apenas do Estado de São Paulo), para a terceira posição, em 2010, sendo ultrapassado por Minas Gerais. Na mesma direção, na indústria de transformação, onde também éramos o segundo colocado, em 1985, passamos para a sexta posição, em 2010,



sendo ultrapassados por Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, além de nos mantermos atrás de São Paulo.

Da mesma forma, tendo em vista a perda de

densidade da economia fluminense, a partir de 2004 a economia mineira passou a ter uma base de arrecadação e uma receita de ICMS superior à do ERJ, conforme o gráfico abaixo:



Fonte: CONFAZ/MF

SITUAÇÃO DA METRÓPOLE CARIOCA E SUA PERIFERIA

No cenário apontado de perda de participação da economia fluminense, a situação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e, principalmente, dos municípios de sua periferia¹ aparece como um desafio central em uma estratégia integrada de fomento ao desenvolvimento econômico-social no ERJ.²

A periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, quando comparada às periferias das Regiões Metropolitanas de São Paulo e Belo Horizonte³, com base nos dados primários disponíveis através das diversas fontes oficiais, apresenta, via de regra, do ponto de vista econômico e social, uma particular precarização. No campo social, na área de educação, no que se refere ao ensino fundamental, de acordo com dados do Ministério da Educação, ao realizarmos um ranking dos resultados no ensino público de 1ª a 5ª série, para os 57 municípios das periferias dessas três metrópoles com 50 mil habitantes ou mais⁴, no ano de 2009, verificamos, conforme tabela 1 ao final deste artigo, que as 16 piores posições, entre todos os municípios analisados, são de municípios da periferia da RMRJ.

Na área de saúde, também se observa, na periferia da RMRJ, conforme tabela 2 ao final deste artigo, péssimos resultados, compara-

tivamente com as periferias das RMs de SP e BH. Organizando-se, através do Índice de Desempenho do Sistema Único de Saúde (IDSUS), recentemente divulgado para o ano de 2011, um ranking dos municípios das periferias das três metrópoles enunciadas, constata-se que, entre os 57 municípios abrangidos, os da periferia da RMRJ mais bem colocados são Itaguaí e Itaboraí, apenas nas 32ª e 33ª posições, com notas ligeiramente inferiores a cinco. Além disso, nas 10 últimas posições encontram-se nove municípios da periferia da RMRJ!

No campo da infraestrutura, também se verificam importantes problemas na periferia da RMRJ. De acordo com o Censo de 2010, ao realizarmos um ranking, para os municípios com 50 mil habitantes ou mais das periferias das metrópoles do Rio de Janeiro, SP e BH, do percentual de domicílios atendidos por rede de água, conforme a tabela 3 ao final deste artigo, observa-se que, entre os 16 piores resultados, estão 12 municípios da periferia da RMRJ. Aliado a isso, pelas informações que possuímos, a qualidade e a periodicidade da chegada da água aos domicílios não são boas.

Do ponto de vista econômico, a densidade produtiva e de geração de emprego na periferia da RMRJ é bem menor do que a verificada nas periferias das RMs de SP e BH. Ao realizarmos, por exemplo, conforme tabela 4 no final deste artigo, um ranking para o ano de 2010 da par-

1 Atualmente, os seguintes municípios compõem a Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Japeri, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, Rio de Janeiro, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica e Tanguá. Quando falamos de periferia, estamos tratando de todos os municípios da RMRJ excetuando-se a cidade do Rio de Janeiro.

2 Quando se analisam as Regiões de Governo no estado do Rio de Janeiro, muitas vezes aponta-se a Região Noroeste Fluminense como a mais problemática. De fato, essa região apresenta o menor PIB per capita entre todas as Regiões de Governo do ERJ. No entanto, quando se analisam também os indicadores sociais e de infraestrutura, verifica-se que o problema mais grave está na periferia da RMRJ. Através dos indicadores de educação para 2009, por exemplo (IDEB/MTE), verifica-se que quatro dos dez melhores resultados entre os municípios fluminenses estão na Região Noroeste Fluminense.

3 Quando falamos da periferia da RMSP e RMBH, estamos analisando todos os municípios dessas duas Regiões Metropolitanas excetuando-se suas respectivas capitais.

4 Ao realizarmos uma comparação dos municípios da periferia da RMRJ com os municípios das periferias das RMs de SP e BH, analisamos apenas os municípios com 50 mil habitantes ou mais. Essa decisão baseia-se no fato de, por um lado, a periferia da RMRJ apresentar poucos municípios com menos de 50 mil habitantes, ao contrário do verificado nas periferias das RMs de SP e BH, principalmente a segunda.



ticipação do total do emprego formal privado, existente em cada um dos 57 municípios analisados, no total da população em idade ativa, verificamos que entre os 11 últimos colocados aparecem oito municípios da periferia da metrópole carioca (RAIS/MTE e Censo 2010).

Na mesma direção, ao realizarmos, conforme tabela 5 no final deste artigo, um ranking da participação do total do emprego industrial no total da população em idade ativa em cada um dos 57 municípios das periferias dessas três metrópoles, no ano de 2010, verificamos uma situação ainda mais rarefeita do ponto de vista da existência de empregos na periferia da RMRJ.

Entre os 19 municípios piores colocados nesse ranking, 15 são da periferia da RMRJ. Mesmo o município de Duque de Caxias, onde existe a Refinaria de Duque de Caxias (REDUC) e onde foi instalada recentemente a Rio Polímeros, no distrito de Campos Elísios, a relação entre emprego industrial existente e sua população em idade ativa é de apenas 3,5%⁵.

Além disso, a carência de empregos na periferia da RMRJ – onde residem 46,6% dos habitantes da metrópole carioca – obriga parcela significativa dos moradores dessa região a se deslocar diariamente para trabalhar na cidade do Rio de Janeiro. Isso, aliado às deficiências ainda existentes nos transportes públicos de massa nessa região, faz com que, de acordo com o Censo de 2010, os dados na periferia da RMRJ sejam piores do que os encontrados na periferia da RMSP. No ano de 2010, na periferia da RMRJ, 32,41% dos trabalhadores levavam, em um único trajeto diário, mais de uma hora para se deslocar entre casa e trabalho, contra um percentual, na periferia da RMSP, de 25,50%, como se vê na tabela abaixo.

Esse conjunto de dados, portanto, reafirma a prioridade que deve ocorrer na organização de uma estratégia e coordenação de políticas para a RMRJ, principalmente para a sua periferia.

Região Metropolitana	Percentual dos trabalhadores que se deslocam por mais de 1 hora
RMRJ	28,63
Periferia da RMRJ	32,41
RMSP	28,56
Periferia da RMSP	25,50

Fonte: Censo 2010 - IBGE

⁵ A falta de densidade da estrutura produtiva na periferia da RMRJ pode ser verificada também pelo fato de que, apesar da centralidade da cidade do Rio no setor serviços, verifica-se, nessa cidade, um total de 188.182 empregos na indústria de transformação, no ano de 2010, de acordo com a RAIS/MTE, contra um total, em todos os demais 18 municípios da RMRJ, de apenas 95.750 empregos. Ou seja, a cidade do Rio apresentava, em 2010, em torno do dobro de empregos na indústria de transformação, comparativamente a todos os demais municípios da metrópole carioca.

MUDANÇAS, PERMANÊNCIAS E DESAFIOS PARA A METRÓPOLE CARIOCA NO SÉCULO XXI

O Estado do Rio de Janeiro, a partir de período recente, passou a apresentar uma melhoria em seus indicadores econômicos e iniciou, também, uma reestruturação da gestão pública no âmbito do Estado. O Departamento de Trânsito do Estado do Rio de Janeiro (DETRAN-RJ), por exemplo, que nunca havia realizado um único concurso público,

fez o primeiro concurso de sua história em 2008. No campo econômico, o Estado do Rio de Janeiro e sua metrópole, após décadas crescendo significativamente abaixo da média das demais regiões brasileiras, começam a apresentar uma inversão de tendência. Entre maio/2011 e abril/2012, a RMRJ apresentou um crescimento do emprego com carteira assinada de 5,8%, contra um crescimento na RMBH, na RMSP e no total das Regiões Metropolitanas brasileiras de, respectivamente, 5,4%, 3,7% e 4,6%, conforme tabela abaixo.

Varição percentual do emprego formal nas Regiões Metropolitanas, nos últimos 12 meses, entre maio de 2011 e abril de 2012

Região Metropolitana	Agropec.	Ind.Ext. Min.	Ind. Transf.	Serv. Ind. Útil. Pub.	Constr. Civil	Comércio	Serviços	Adm. Pub.	Total
BELO HORIZONTE	1,7	12,4	2,0	0,6	7,4	4,7	6,4	1,0	5,4
RIO DE JANEIRO	2,2	10,2	4,2	2,7	20,3	4,2	5,2	0,8	5,8
SÃO PAULO	4,5	6,8	-0,7	-1,8	6,9	4,7	4,8	0,9	3,7
TOTAL DAS RMs*	1,0	13,2	0,7	1,7	10,4	4,5	5,2	0,3	4,6

FONTE: CAGED/MTE

* O CAGED leva em conta as seguintes Regiões Metropolitanas: Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre.

Na mesma direção, o total do Estado do Rio de Janeiro apresentou, entre maio/2011 e abril/2012, um crescimento do emprego com carteira assinada de 5,8%, contra um crescimento nos estados de São Paulo e Minas Gerais e no total do país de, respectivamente, 3,5%; 4,9%; e 4,6%, conforme tabela abaixo.

O maior dinamismo econômico recente no ERJ decorre dos grandes empreendimentos que começam a ocorrer no estado e na metrópole carioca, como a instalação da Rio Polímeros, em Duque de Caxias; a consolidação do parque tecnológico, na UFRJ; o início das obras do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ); o início da instalação do estaleiro

Varição percentual do emprego formal nas Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas do Estado, nos últimos 12 meses, entre maio de 2011 e abril de 2012

Unidade da Federação	Agropec.	Ind.Ext. Min.	Ind. Transf.	Serv. Ind. Útil. Pub.	Constr. Civil	Comércio	Serviços	Adm. Pub.	Total
MINAS GERAIS	0,5	9,2	1,6	1,3	6,6	5,3	7,0	2,0	4,9
RIO DE JANEIRO	2,2	10,2	4,2	2,7	20,3	4,2	5,2	0,8	5,8
SÃO PAULO	0,1	7,6	-0,4	-0,6	7,1	4,8	5,0	3,5	3,5
TOTAL BRASIL	1,6	9,1	1,4	2,4	9,6	5,1	5,7	1,9	4,6

FONTE: CAGED/MTE



nuclear da Marinha e do complexo portuário em Itaguaí; a implantação da siderúrgica ThyssenKrupp CSA, no distrito industrial de Santa Cruz; a reativação da indústria naval; a ampliação dos investimentos e demandas de empresas petrolíferas capitaneadas pela Petrobras; a implantação do complexo portuário industrial do Açú, em São João da Barra; e a ampliação da presença da indústria automobilística, na Região do Médio Paraíba. Além disso, o dinamismo recente resulta também dos eventos internacionais de grande porte que a cidade do Rio vem atraindo e de obras a eles vinculadas, como os Jogos Mundiais Militares, em 2011, e a Rio+20, em 2012, já ocorridos; o Congresso Mundial da Juventude Católica, em 2013; a final da Copa do Mundo, em 2014; e

as Olimpíadas, em 2016. Decorre, ainda, da ampliação da capacidade de investimento da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, que, no ano de 2011, conseguiu destinar em torno de 18% de seu orçamento para investimentos. Também positiva é a variação do rendimento do total da ocupação formal e informal na RMRJ e, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro entre 2003 e 2011, comparativamente à média do total das Regiões Metropolitanas abrangidas pela Pesquisa Mensal do Emprego do IBGE-PME/IBGE. Nesse período, o crescimento desse rendimento na cidade do Rio e na RMRJ foi de, respectivamente, 37,2% e 33,8%, contra um crescimento no total das metrópoles pesquisadas de 22,2%, conforme tabela abaixo.

Variação do rendimento médio real, pelas pessoas ocupadas, na RMRJ, na Cidade do Rio de Janeiro e total das RMs, entre 2003 e 2011

Região Metropolitana	2003 (R\$)	2011 (R\$)	Var. %
Rio de Janeiro - RJ	1.284,93	1.719,36	33,8
Cidade do RJ	1.575,23	2.161,52	37,2
Total das RMs pesquisadas pela PME	1.329,69	1.625,46	22,2

Fonte: PME/IBGE

Obs. 1: Para as Regiões Metropolitanas: Valores deflacionados pelo INPC de cada Região Metropolitana.

Obs. 2: Para o total das áreas: Valores deflacionados pela média ponderada do INPC das seis Regiões Metropolitanas.

Obs. 3: Valores atualizados a preços de fevereiro de 2012.

Obs. 4: A Prefeitura do Rio de Janeiro possui um acordo com o IBGE para o fornecimento dos dados das pesquisas mensais, especificamente para a Cidade do Rio de Janeiro.

No entanto, diversos desafios se fazem presentes. Um primeiro desafio é ainda existir na RMRJ e na cidade do Rio de Janeiro um número particularmente elevado de jovens sem trabalhar, nem procurar emprego. De acordo com dados da PME/IBGE para o ano de 2011, enquanto na cidade do Rio de Janeiro e na RMRJ em torno de 40% dos jovens, entre 18 e 24 anos de idade, não trabalhavam nem procuravam emprego, na RMSP e na RMBH esses percentuais eram significativamente inferiores, de, respectivamente, 24,4% e 25,2%⁶, conforme tabela a seguir.



Peso da População Economicamente Ativa (PEA) no total da População em Idade Ativa (PIA) para os jovens de 18 a 24 anos, nas Regiões Metropolitanas e na Cidade do Rio de Janeiro em 2003 e 2011

Região Metropolitana	2003 (%)	2011 (%)
Belo Horizonte - MG	68,8	74,8
Rio de Janeiro - RJ	64,0	60,1
Cidade do Rio de Janeiro	63,6	59,4
São Paulo - SP	77,1	76,6
Total das áreas - PME	70,2	69,6

Fonte: PME/IBGE

Na mesma direção, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010, verifica-se, conforme a tabela 6 ao final deste artigo, a existência, na cidade do Rio de Janeiro, de um número elevado de jovens, entre 15 e 24 anos de idade, sem trabalhar nem estudar. Nas Regiões Administrativas de São Cristóvão, Rocinha, Ramos, Penha, Complexo do Alemão, Jacarezinho, Maré, Santa Cruz, Bangu e Guaratiba, esse número supera um quarto do número total

de jovens, atingindo 33,6% no Jacarezinho. Da mesma forma, pesquisa recente realizada pelo Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS/FIRJAN) mostrou um número igualmente preocupante, nas favelas já pacificadas, de jovens de 15 a 24 anos de idade que não estudam nem trabalham. Na favela do Batan, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, esse percentual atinge 36,5%, conforme tabela a seguir⁷.

6 Poder-se-ia trabalhar com uma hipótese otimista de, na RMRJ, existir mais jovens somente estudando. No entanto, os dados disponíveis sobre educação não apontam nessa direção. Além disso, como a renda na RMSP é um pouco superior à da RMRJ, devemos supor que a possibilidade de jovens só estudarem, sendo sustentados por suas famílias não é maior na RMRJ. Dados recentes sobre as regiões da cidade do Rio de Janeiro, que apresentamos a seguir neste texto, mostram um número muito elevado de jovens, entre 15 e 24 anos de idade, sem trabalhar nem estudar.

7 A pesquisa de campo aponta também que aproximadamente metade dos jovens de 15 a 24 anos das comunidades pacificadas analisadas não estava na escola.

Número de jovens entre 15 e 24 anos que não estavam estudando, nem trabalhando, nas favelas pacificadas, em 2010

Indicadores	Cidade de Deus	Ladeira dos Tabajaras	Cantagalo	Providência	Batan	Pavão Pavãozinho	Santa Marta	Chapéu Mangueira	Babilônia
Não estudam e não trabalham	19,5	15,7	24,6	27,5	36,5	21,2	19,6	22,5	17,6

Fonte: IETS e Firjan.

No que diz respeito à abertura de estabelecimentos na indústria de transformação, por porte, verificamos que se, por um lado, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro e sua periferia já ocorre um incremento significativo do número de novos grandes empreendimentos industriais, em comparação ao verificado nas RMs de SP e BH e suas periferias, por outro lado, notamos que na RMRJ e sua periferia o dinamismo na geração de novos microempreendimentos na indústria de transformação ainda é relativamente baixo⁸, conforme tabela abaixo. Nesse aspecto, deve-se lembrar que se o grande empreendimento tem condições de bancar sua própria infraestrutura ou negociá-la individual-

mente com o poder público, na região onde se instala, o microempreendimento necessita encontrar uma infraestrutura já plenamente instalada. A esse respeito, em uma reunião da qual participamos no distrito industrial de Campos Elísios, em Duque de Caxias, com a Prefeitura desse município e dirigentes de empresas instaladas nesse distrito, como a REDUC e a Rio Polímeros, visando à organização da parte econômica do Plano Diretor do Arco Metropolitano, perguntamos sobre se já estava ocorrendo a implantação de indústrias de plástico no município, que poderiam beneficiar-se das matérias-primas produzidas pela Rio Polímeros. A informação que obtivemos foi que

Variação do número de estabelecimentos na indústria de transformação por tamanho de empresa nos municípios das periferias de SP, RJ e BH, Regiões Metropolitanas do RJ, SP e BH, Estado do RJ, Sudeste e Brasil entre os anos de 2000 e 2010

Região	Microempresa	Pequena Empresa	Média Empresa	Grande Empresa	Total
RMRJ	5,1	15,0	10,9	57,1	6,9
Periferia RMRJ	15,6	34,7	30,7	144,4	18,8
RMSP	14,9	34,2	24,5	49,0	18,6
Periferia RMSP	31,0	51,4	36,7	63,9	36,1
RMBH	21,9	45,5	38,6	200,0	25,6
Periferia RMBH	48,6	73,7	52,0	226,7	53,4

RAIS/MTE

Obs.: A classificação utilizada foi a do Sebrae, que aponta para as atividades econômicas industriais, como microempresas as que possuem de 0 a 19 empregados, como pequena empresa as de 20 a 99 empregados, como média empresas as de 100 a 499 empregados e como grande empresa as acima de 500 empregados.

⁸ Na área regional, ao procurarmos dinamizar uma região, é importante procurar atrair atividades que possam buscar atender não só ao mercado da localidade em que ela está instalada, mas, também, o mercado de outras regiões, atraindo, assim, renda para a região onde se instalou. Nesse caso, a indústria apresenta-se com centralidade, não só por, via de regra, ter capacidade de exportação para outras regiões, como também pelos efeitos de encadeamento que ela é capaz de gerar, demandando serviços como, por exemplo, de design, marketing e inovação e insumos de diversas ordens, como partes e peças e equipamentos.

ainda existiam poucos empreendimentos sendo instalados. Naquele momento, o representante da Prefeitura de Duque de Caxias afirmou que havia mandado carta a 200 empresas produtoras de plástico no Brasil, visando atraí-las para a região. No entanto, ao ser perguntado em que local de Duque de Caxias as empresas se instalariam, ele afirmou que ainda não existia uma sugestão definida pela Prefeitura. Além disso, no correr dos debates, naquela reunião, ficou clara a necessidade de definição de uma área próxima da Rio Polímeros para a atração de indústrias plásticas, com toda infraestrutura necessária, como a logística de acesso; infraestrutura de água, esgoto e telecomunicações; infraestrutura social nas áreas de saúde e educação, além de uma necessária política de proteção ambiental.

Esse exemplo emblemático e as carências ainda existentes na RMRJ, principalmente em sua periferia, demonstram a necessidade do desenho de uma estratégia e coordenação de políticas de investimentos em infraestrutura e na área social, não só para a melhoria das condições de vida na periferia da RMRJ, mas, também, para o adensamento da estrutura produtiva e geração de emprego e renda para a população que lá reside.

Para o êxito dessa estratégia e coordenação de políticas, é preciso buscar uma integração das políticas urbanas, de infraestrutura e sociais entre as Prefeituras dos municípios da periferia da RMRJ e destas com a Prefeitura do Rio de Janeiro e o Governo do Estado.

Visando caminhar nessa direção, consideramos necessária a criação na RMRJ de uma governança metropolitana, ainda inexistente. Dessa forma, sugere-se, entre outras iniciativas, estudar as políticas metropolitanas que vêm sendo implementadas nos Estados de São

Paulo e Minas Gerais e que, aparentemente, já acumulam significativa experiência.

No campo econômico, é importante, além de uma política coordenada de investimentos em infraestrutura e na área social e de políticas horizontais de ambiência de negócios – como as que a Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Governo do Estado já vem realizando através da dinamização da Companhia de Desenvolvimento Industrial do Estado do Rio de Janeiro (CODIN), da maior capitalização da Agência de Fomento do Estado do Rio de Janeiro (INVESTIRIO) e da interiorização da Junta Comercial do Estado do Rio de Janeiro (JUCERJA) –, aprofundar as estratégias setoriais de adensamento da estrutura produtiva na RMRJ e, principalmente, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro e demais municípios da periferia da metrópole carioca.

Nesse aspecto, é importante, com a conclusão das obras do Arco Metropolitano, procurar detalhar uma estratégia de utilização integrada dos portos existentes no Estado do Rio de Janeiro, principalmente o Porto do Rio; o complexo portuário de Itaguaí, particularmente o terminal de contêiner ali existente; e o complexo portuário industrial do Açú. No que se refere ao terminal de contêiner de Itaguaí, entendemos que ele pode vir a desempenhar um papel essencial, principalmente com a conclusão das obras do Arco Metropolitano, no sentido de atrair indústrias – que se beneficiem da significativa retroárea disponível e da vantagem logística de “exportação” para outros países e regiões brasileiras –, de aumentar a densidade produtiva e a geração de empregos na Zona Oeste e em municípios da periferia da RMRJ⁹.

É necessário, também, desenhar uma política para os complexos produtivos com maior potencialidade no Estado do Rio de Janeiro,

9 De acordo com a dissertação de Mestrado de Bruno Sobral (SOBRAL, 2007), a trajetória de perda de densidade industrial do ERJ nas últimas décadas fez com que, no ano de 2005, mais de 40% do total da produção da indústria de transformação fluminense se limitasse a refino de petróleo e a siderurgia, fazendo com que a estrutura produtiva fluminense se tornasse bastante “oca”.



particularmente na RMRJ. Um primeiro complexo vincula-se à área de petróleo e gás. Nesse caso, é preciso mapear as principais demandas que essa cadeia produtiva gerará nas próximas décadas, principalmente com base no pré-sal. Entende-se necessário desenhar uma política que potencialize as possibilidades de atrair para a RMRJ empresas que venham atender as demandas do setor petróleo nas áreas de projetos de engenharia, outros serviços, inovação tecnológica, e partes e peças. No que se refere a partes e peças, sugere-se uma política que procure priorizar a atração, para a RMRJ e outras regiões do estado, de indústrias ainda inexistentes no território brasileiro e que, pela mudança de escala de demanda a partir da exploração do pré-sal, passem a ter sua criação ou implantação no país viabilizada.

Com relação ainda ao complexo petróleo e gás, deve-se lembrar que muitas vezes são destacadas apenas as características negativas dessa atividade, pelas diversas experiências internacionais de produção e venda do petróleo

extraído em forma bruta e pelos problemas ambientais gerados. Ou seja, um bem finito explorado sem agregação de valor e ganhos em inovação tecnológica pode deixar, ao final de sua exploração, mais heranças negativas do que positivas.

No entanto, com relação a esse complexo, podem-se também buscar experiências positivas, como as existentes na Noruega, hoje com a taxa de desemprego em torno de 2%; em Houston, nos EUA; e Aberdeen, no Reino Unido. Deve-se ainda lembrar que a exploração adequada de petróleo e gás pode gerar uma série de tecnologias híbridas – possíveis de serem utilizadas para o petróleo e pós-petróleo, além de em outras atividades¹⁰– e recursos que podem ser destinados para a pesquisa de novas fontes de energia.

Um segundo complexo produtivo com potencialidade na RMRJ é o vinculado a turismo, entretenimento, cultura, esporte e lazer. Esse complexo tende a ter menor presença em áreas periféricas da cidade do Rio de Janeiro e dos

¹⁰ Dados recentes do setor serviços mostram, por exemplo, uma dinamização no ERJ na área de informática, em parte derivada de demandas vinculadas ao setor petróleo. Além disso, hoje se aventa a possibilidade de usos de tecnologias desenvolvidas para a extração de petróleo em outros setores. Um exemplo é o uso na área de cinema e vídeo da tecnologia vinculada a equipamentos que permitem maior visibilidade nas explorações do fundo do mar.



periferia da RMRJ onde se faz mais necessária a geração de emprego e renda. No entanto, devem-se lembrar as potencialidades existentes em regiões como a Zona Suburbana, por sua história e tradição, principalmente na área de música e samba, e que o turista de outras regiões brasileiras que vem ao Rio gosta de conviver com a cidade e conhecer suas tradições. Além disso, a periferia da RMRJ possui uma área verde e de proteção ambiental ainda grande, que pode vir a ser explorada em atividades vinculadas a turismo, esporte e entretenimento, gerando não só renda para as próprias regiões como, também, maior visibilidade positiva e o aumento da autoestima de seus moradores. Um terceiro complexo produtivo, já digno de nota, na metrópole carioca é o vinculado à saúde. Seja pelo fato de o ERJ ainda possuir uma participação superior a 10% da produção farmacêutica existente no país, seja pelos centros de pesquisa vinculados a essa área instalados no Rio. Um maior detalhamento de sugestões de

políticas relacionadas a este complexo produtivo não está no escopo deste artigo, mas gostaríamos, contudo, de lembrar que o desenho original do complexo petroquímico, conhecido como COMPERJ, que será instalado em Itaboraí/São Gonçalo, poderia possibilitar mais vantagens para o ERJ do que o seu desenho atual. Originalmente, seria usada como matéria-prima, no COMPERJ, a nafta. Atualmente, a previsão é de uso do gás natural. Ocorre que a nafta, ao contrário do gás, permite construir um polo petroquímico com um leque maior de produtos, permitindo a geração de matérias-primas que podem ser utilizadas pela indústria farmacêutica e de química fina. A opção por um polo com base na nafta, portanto, possibilitaria sinergias com a indústria farmacêutica e de química fina já instalada no ERJ e um maior adensamento e endogenia da estrutura produtiva fluminense. Dever-se-ia, portanto, avaliar a possibilidade de reabrir negociações com a Petrobras nesse caso.

TABELAS

Tabela 1

Ranking dos municípios das periferias das Regiões Metropolitanas de SP, RJ e BH, com 50 mil ou mais habitantes, pela nota do IDEB 2009, da rede pública do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental

#	Municípios	Região	Índice	#	Municípios	Região	Índice
1	Nova Lima	RMBH	6,2	31	Cotia	RMSP	5,0
2	São Caetano do Sul	RMSP	5,9	32	Embu	RMSP	4,9
3	São Bernardo do Campo	RMSP	5,6	33	Ibirité	RMBH	4,9
4	Ribeirão Pires	RMSP	5,6	34	Sabará	RMBH	4,9
5	Mogi das Cruzes	RMSP	5,5	35	Osasco	RMSP	4,8
6	Diadema	RMSP	5,5	36	Itapeví	RMSP	4,8
7	Caieiras	RMSP	5,5	37	Esmeraldas	RMBH	4,8
8	Santo André	RMSP	5,4	38	Ferraz de Vasconcelos	RMSP	4,7
9	Mauá	RMSP	5,4	39	Francisco Morato	RMSP	4,7
10	Barueri	RMSP	5,4	40	Jandira	RMSP	4,7
11	Poá	RMSP	5,4	41	Itaquaquecetuba	RMSP	4,5
12	Mairiporã	RMSP	5,4	42	Niterói	RMRJ	4,3
13	Contagem	RMBH	5,3	43	Maricá	RMRJ	4,2
14	Arujá	RMSP	5,3	44	Itaboraí	RMRJ	4,1
15	Embu-Guaçu	RMSP	5,3	45	Mesquita	RMRJ	4,1
16	Santa Isabel	RMSP	5,3	46	Itaguaí	RMRJ	4,1
17	Betim	RMBH	5,2	47	Guapimirim	RMRJ	4,0
18	Taboão da Serra	RMSP	5,2	48	Nova Iguaçu	RMRJ	3,9
19	Santana de Parnaíba	RMSP	5,2	49	São João de Meriti	RMRJ	3,9
20	Cajamar	RMSP	5,2	50	São Gonçalo	RMRJ	3,8
21	Pedro Leopoldo	RMBH	5,2	51	Queimados	RMRJ	3,8
22	Carapicuíba	RMSP	5,1	52	Duque de Caxias	RMRJ	3,7
23	Santa Luzia	RMBH	5,1	53	Nilópolis	RMRJ	3,7
24	Itapeçerica da Serra	RMSP	5,1	54	Seropédica	RMRJ	3,7
25	Franco da Rocha	RMSP	5,1	55	Belford Roxo	RMRJ	3,6
26	Vespasiano	RMBH	5,1	56	Magé	RMRJ	3,6
27	Lagoa Santa	RMBH	5,1	57	Japeri	RMRJ	3,6
28	Guarulhos	RMSP	5,0				
29	Ribeirão das Neves	RMBH	5,0				
30	Suzano	RMSP	5,0				

Tabela 2
Ranking dos municípios das periferias das Regiões Metropolitanas de SP, RJ e BH, com 50 mil ou mais habitantes, pelo índice obtido no IDSUS* 2011

#	Municípios	Região Metropolitana	Índice	#	Municípios	Região Metropolitana	Índice
1	Barueri	RMSP	8,21	31	Santa Luzia	RMBH	5,10
2	Diadema	RMSP	6,44	32	Itaguaí	RMRJ	4,98
3	Santo André	RMSP	6,37	33	Itaboraí	RMRJ	4,95
4	São Caetano do Sul	RMSP	6,20	34	Ferraz de Vasconcelos	RMSP	4,92
5	Nova Lima	RMBH	6,20	35	Itaquaquecetuba	RMSP	4,80
6	Santana de Parnaíba	RMSP	5,94	36	Osasco	RMSP	4,79
7	Ibirité	RMBH	5,92	37	Magé	RMRJ	4,75
8	Santa Isabel	RMSP	5,85	38	Seropédica	RMRJ	4,63
9	Pedro Leopoldo	RMBH	5,84	39	Mesquita	RMRJ	4,68
10	Embu	RMSP	5,81	40	Jandira	RMSP	4,62
11	Ribeirão das Neves	RMBH	5,80	41	Sabará	RMBH	4,62
12	Itapeverica da Serra	RMSP	5,79	42	Mauá	RMSP	4,61
13	Embu-Guaçu	RMSP	5,75	43	Mairiporã	RMSP	4,59
14	Betim	RMBH	5,73	44	Carapicuíba	RMSP	4,57
15	Contagem	RMBH	5,60	45	Duque de Caxias	RMRJ	4,57
16	Itapevi	RMSP	5,59	46	Caieiras	RMSP	4,51
17	Cajamar	RMSP	5,55	47	Queimados	RMRJ	4,51
18	Guarulhos	RMSP	5,55	48	Nova Iguaçu	RMRJ	4,41
19	Vespasiano	RMBH	5,50	49	Niterói	RMRJ	4,24
20	Poá	RMSP	5,49	50	São Gonçalo	RMRJ	4,18
21	Lagoa Santa	RMBH	5,48	51	Japeri	RMRJ	4,09
22	Franco da Rocha	RMSP	5,47	52	São João de Meriti	RMRJ	4,03
23	Suzano	RMSP	5,40	53	Nilópolis	RMRJ	3,95
24	Taboão da Serra	RMSP	5,39	54	Maricá	RMRJ	3,84
25	Arujá	RMSP	5,35	55	Ribeirão Pires	RMSP	3,75
26	Francisco Morato	RMSP	5,34	56	Belford Roxo	RMRJ	3,62
27	Mogi das Cruzes	RMSP	5,28	57	Guapimirim	RMRJ	3,53
28	Cotia	RMSP	5,21				
29	Esmeraldas	RMBH	5,21				
30	São Bernardo do Campo	RMSP	5,17				

Tabela 3
Ranking dos municípios das periferias das Regiões Metropolitana do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, com mais de 50 mil habitantes quanto ao percentual de domicílios atendidos pela rede de água em 2010

#	Município	RM	Percentual dos domicílios atendidos	#	Município	RM	Percentual dos domicílios atendidos
1	São Caetano do Sul	RMSP	99,96	31	Seropédica	RMRJ	93,75
2	Taboão da Serra	RMSP	99,62	32	São João de Meriti	RMRJ	93,03
3	Diadema	RMSP	99,43	33	Arujá	RMSP	93,00
4	Jandira	RMSP	99,35	34	Nova Lima	RMBH	92,70
5	Mauá	RMSP	99,31	35	Suzano	RMSP	92,29
6	Contagem	RMBH	99,31	36	Nilópolis	RMRJ	91,17
7	Barueri	RMSP	99,26	37	Cotia	RMSP	90,98
8	Osasco	RMSP	99,12	38	Santana de Parnaíba	RMSP	90,88
9	Poá	RMSP	98,90	39	Cajamar	RMSP	90,78
10	Vespasiano	RMBH	98,88	40	Mogi das Cruzes	RMSP	89,74
11	Ibirité	RMBH	98,65	41	Itapeverica da Serra	RMSP	89,67
12	Ferraz de Vasconcelos	RMSP	98,37	42	Japeri	RMRJ	83,21
13	Carapicuíba	RMSP	98,10	43	Queimados	RMRJ	82,52
14	São Bernardo do Campo	RMSP	98,06	44	Itaguaí	RMRJ	81,17
15	Embú	RMSP	98,00	45	São Gonçalo	RMRJ	79,68
16	Betim	RMBH	97,91	46	Embú Guaçu	RMSP	77,32
17	Santa Luzia	RMBH	97,61	47	Nova Iguaçu	RMRJ	76,27
18	Santo André	RMSP	97,61	48	Belford Roxo	RMRJ	74,50
19	Guarulhos	RMSP	97,60	49	Esmeraldas	RMBH	73,87
20	Niterói	RMRJ	97,36	50	Santa Isabel	RMSP	71,99
21	Itaquaquecetuba	RMSP	96,69	51	Mairiporã	RMSP	70,71
22	Caieiras	RMSP	96,41	52	Duque de Caxias	RMRJ	62,57
23	Francisco Morato	RMSP	95,78	53	Guapimirim	RMRJ	55,70
24	Ribeirão das Neves	RMBH	95,77	54	Mesquita	RMRJ	52,80
25	Sabará	RMBH	95,77	55	Magé	RMRJ	40,11
26	Ribeirão Pires	RMSP	95,17	56	Itaboraí	RMRJ	27,01
27	Pedro Leopoldo	RMBH	95,10	57	Maricá	RMRJ	18,95
28	Itapevi	RMSP	95,03				
29	Franco da Rocha	RMSP	94,87				
30	Lagoa Santa	RMBH	94,60				

Fonte: Censo 2010/IBGE

Obs.: Foram considerados como atendidos apenas os domicílios que estavam marcados como abastecidos pela rede geral de distribuição.

Tabela 4

Ranking do peso do emprego no setor privado na População em Idade Ativa (PIA) dos municípios das periferias das RMSP, RMBH e RMRJ com 50 mil habitantes ou mais em 2010

#	Municípios	Região Metropolitana	Relação Emprego Setor Privado/PIA	#	Municípios	Região Metropolitana	Relação Emprego Setor Privado/PIA
1	Barueri	RMSP	112,9	31	Santa Luzia	RMBH	14,7
2	São Caetano do Sul	RMSP	79,9	32	Itapevi	RMSP	14,3
3	Cajamar	RMSP	71,5	33	Vespasiano	RMBH	13,4
4	Santana de Parnaíba	RMSP	58,8	34	Itaquaquecetuba	RMSP	13,1
5	Cotia	RMSP	41,7	35	São João de Meriti	RMRJ	12,3
6	Nova Lima	RMBH	41,4	36	Itaboraí	RMRJ	12,2
7	São Bernardo do Campo	RMSP	40,2	37	Ferraz de Vasconcelos	RMSP	11,4
8	Poá	RMSP	35,7	38	Nova Iguaçu	RMRJ	11,4
9	Niterói	RMRJ	35,1	39	Carapicuíba	RMSP	11,4
10	Mairiporã	RMSP	34,2	40	Sabará	RMBH	10,8
11	Contagem	RMBH	33,8	41	Nilópolis	RMRJ	10,3
12	Diadema	RMSP	32,1	42	Franco da Rocha	RMSP	10,3
13	Betim	RMBH	31,9	43	Queimados	RMRJ	10,1
14	Santo André	RMSP	30,4	44	São Gonçalo	RMRJ	10,0
15	Guarulhos	RMSP	29,3	45	Ibirité	RMBH	9,4
16	Arujá	RMSP	28,8	46	Ribeirão das Neves	RMBH	9,3
17	Caieiras	RMSP	28,5	47	Itaguaí	RMRJ	9,2
18	Pedro Leopoldo	RMBH	26,6	48	Seropédica	RMRJ	9,1
19	Mogi das Cruzes	RMSP	26,0	49	Esmeraldas	RMBH	8,4
20	Taboão da Serra	RMSP	25,3	50	Mesquita	RMRJ	8,3
21	Osasco	RMSP	25,1	51	Maricá	RMRJ	7,7
22	Lagoa Santa	RMBH	21,8	52	Magé	RMRJ	7,1
23	Duque de Caxias	RMRJ	21,7	53	Guapimirim	RMRJ	6,8
24	Santa Isabel	RMSP	20,7	54	Belford Roxo	RMRJ	4,9
25	Ribeirão Pires	RMSP	20,2	55	Francisco Morato	RMSP	4,6
26	Embú	RMSP	20,2	56	Embú Guaçu	RMSP	3,2
27	Suzano	RMSP	19,6	57	Japeri	RMRJ	3,1
28	Mauá	RMSP	17,4				
29	Jandira	RMSP	16,1				
30	Itapecerica da Serra	RMSP	15,2				

Tabela 5
Ranking do peso do emprego industrial* na População em Idade Ativa (PIA) dos municípios das periferias de RMSP, RMRJ e RMBH com 50 mil habitantes ou mais em 2010

#	Município	Região Metropolitana	Relação Emprego Setor Privado/PIA	#	Municípios	Região Metropolitana	Relação Emprego Setor Privado/PIA
1	Cajamar	RMSP	23,3	31	Santa Luzia	RMBH	4,8
2	São Caetano do Sul	RMSP	19,0	32	Itapevi	RMSP	4,7
3	Diadema	RMSP	18,6	33	Sabará	RMBH	4,3
4	Barueri	RMSP	17,4	34	Franco da Rocha	RMSP	3,9
5	Betim	RMBH	16,3	35	Niterói	RMRJ	3,7
6	São Bernardo do Campo	RMSP	15,2	36	Duque de Caxias	RMRJ	3,5
7	Arujá	RMSP	14,5	37	Itapeverica da Serra	RMSP	3,1
8	Santana de Parnaíba	RMSP	13,5	38	Ibirité	RMBH	2,8
9	Cotia	RMSP	13,0	39	Itaguaí	RMRJ	2,4
10	Mairiporã	RMSP	11,5	40	Seropédica	RMRJ	2,3
11	Guarulhos	RMSP	11,2	41	Itaboraí	RMRJ	2,2
12	Contagem	RMBH	10,2	42	Queimados	RMRJ	2,0
13	Caieiras	RMSP	9,5	43	Nova Iguaçu	RMRJ	1,9
14	Pedro Leopoldo	RMBH	9,3	44	São Gonçalo	RMRJ	1,9
15	Ribeirão Pires	RMSP	8,8	45	Carapicuíba	RMSP	1,8
16	Suzano	RMSP	7,9	46	Guapimirim	RMRJ	1,7
17	Mauá	RMSP	7,9	47	Embú Guaçu	RMSP	1,6
18	Poá	RMSP	7,7	48	Ribeirão das Neves	RMBH	1,5
19	Taboão da Serra	RMSP	7,5	49	Magé	RMRJ	1,4
20	Jandira	RMSP	7,4	50	São João de Meriti	RMRJ	1,3
21	Santa Isabel	RMSP	7,0	51	Maricá	RMRJ	1,2
22	Itaquaquecetuba	RMSP	6,9	52	Mesquita	RMRJ	1,1
23	Nova Lima	RMBH	6,7	53	Nilópolis	RMRJ	1,1
24	Ferraz de Vasconcelos	RMSP	6,6	54	Esmeraldas	RMBH	0,9
25	Vespasiano	RMBH	6,1	55	Belford Roxo	RMRJ	0,7
26	Santo André	RMSP	6,0	56	Japeri	RMRJ	0,7
27	Lagoa Santa	RMBH	5,9	57	Francisco Morato	RMSP	0,2
28	Mogi das Cruzes	RMSP	5,8				
29	Osasco	RMSP	5,5				
30	Embú	RMSP	5,0				

Tabela 6

Número de jovens entre 15 e 24 anos que não trabalham nem estudam e peso destes no total da população desta faixa, nas Regiões Administrativas e Áreas de Planejamento da cidade do Rio de Janeiro, em 2010

Regiões Administrativas e Áreas de Planejamento	Nem Trabalham Nem Estudam	População de 15 a 24 anos	Peso Percentual dos que Nem Trabalham, Nem Estudam
AP1	10.008	46.564	21,5
I Portuária	1.909	8.434	22,6
II Centro	573	4.989	11,5
III Rio Comprido	2.643	12.639	20,9
VII São Cristóvão	3.520	13.775	25,6
XXI Paqueta	88	444	19,9
XXIII Santa Teresa	1.275	6.283	20,3
AP2	21.148	127.829	16,5
IV Botafogo	4.114	28.365	14,5
IX Vila Isabel	3.333	25.470	13,1
V Copacabana	2.619	17.720	14,8
VI Lagoa	3.332	19.086	17,5
VIII Tijuca	4.156	23.291	17,8
XXVII Rocinha	3.593	13.897	25,9
AP3	84.197	374.738	22,5
X Ramos	4.742	22.790	20,8
XI Penha	9.506	32.912	28,9
XII Inhaúma	3.662	19.750	18,5
XIII Méier	10.795	55.386	19,5
XIV Irajá	6.054	29.073	20,8
XV Madureira	11.039	56.067	19,7
XX Ilha do Governador	6.799	31.799	21,4
XXII Anchieta	5.733	24.627	23,3
XXIX Complexo do Alemão	3.750	12.795	29,3
XXV Pavuna	8.374	34.464	24,3
XXVIII Jacarezinho	2.344	6.970	33,6
XXX Maré	6.094	24.000	25,4
XXXI Vigário Geral	5.304	24.105	22,0
AP4	27.092	140.816	19,2
XVI Jacarepaguá	17.718	91.496	19,4
XXIV Barra da Tijuca	7.866	42.870	18,3
XXXIV Cidade de Deus	1.508	6.450	23,4
AP5	72.615	282.909	25,7
XIX Santa Cruz	18.822	63.528	29,6
XVII Bangu	20.080	72.307	27,8
XXVIII Campo Grande	19.630	88.073	22,3
XXVI Guaratiba	5.431	20.684	26,3
XXXIII Realengo	8.652	38.317	22,6
Cidade do Rio de Janeiro	215.060	972.856	22,1

Fonte: Censo 2010/BGE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASTEL ASSESSORES TÉCNICOS. *Diagnóstico preliminar da Guanabara*. Rio de Janeiro: Secretaria de Economia do Estado da Guanabara, 1967.
- _____. *Mapa econômico da Guanabara*. Rio de Janeiro: Secretaria de Economia do Estado da Guanabara, 1969.
- BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti (Coord.). *O Rio de Janeiro e sua região*. Rio de Janeiro: IBGE: Conselho Nacional de Geografia, 1964.
- CUNHA, Luiz Roberto. *Crise econômica: Rio de todas as crises*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1990 (Série Estudos e Pesquisas).
- HIRSCHMAN, Alberto. *Estratégia do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1958.
- HODGSON, Geoffrey M. *Economia e evolução: o regresso da vida à teoria econômica*. Oeiras: Celta, 1997.
- KRUGMAN, Paul. Increasing returns and economic geography. *Journal of Political Economy*, Chicago, v. 99, n. 31, 1991.
- LA ROVERE, Renata Lèbre; SILVA, Mauro Osorio da (Orgs.). *Desenvolvimento econômico local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e seu entorno*. Rio de Janeiro: PoD, 2010.
- LAGO, Luciana Corrêa. A “periferia” metropolitana como lugar do trabalho: da cidade-dormitório à cidade plena. In: SANTOS, Angela Moulin S. Penalva; MARAFON, Glaucio José; SANT’ANNA, Maria Josefina Gabriel (Orgs.). *Rio de Janeiro: um olhar socioespacial*. Rio de Janeiro: Grama, 2010. P.133-153.
- LIMONAD, Ester. Alguns apontamentos sobre a urbanização dispersa no Estado do Rio de Janeiro. In: REIS, Nestor Goulart (Org.). *Sobre urbanização dispersa*. São Paulo: Via das Artes, 2009. P. 114-124.
- MAGALHÃES, João Paulo de Almeida; CAMARGO, José Márcio; BUENO, Ricardo. *Rio Século XXI: perspectivas e propostas para a economia fluminense*. Rio de Janeiro: JB, 1991.
- MAGALHÃES, Raphael de Almeida. *Breve histórico sobre a estruturação física e econômica da cidade e sua região*. 2001. Texto mimeografado.
- MELO, Luiz Martins de. Sistemas locais de inovação: o caso do Rio de Janeiro. In: CASSIOLATO, José Eduardo; LASTRES, Helena Maria Martins. *Globalização & inovação localizada*. Brasília: IBICT, 1999.
- MYRDALL, Gunnar. *Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Saga, 1968.
- NATAL, Jorge Luís Alves. Inflexão econômica positiva e dinâmica regional. In: NATAL, Jorge Luís Alves et al. *O Estado do Rio de Janeiro pós 95: dinâmica econômica, rede urbana e questão social*. Rio de Janeiro: Publicati, 2005. P.43-61.
- SILVA, Mauro Osorio. *Características e evolução recente do emprego e da economia carioca e metropolitana*. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2011. (Coleção Estudos Cariocas).
- _____. *A crise do Rio e suas especificidades*. 2006. Disponível em: <www.ie.ufrj.br/eventos/seminarios/pesquisa/texto06_05_09.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2012.
- _____. *Rio local, Rio nacional: mitos e visões da crise carioca e fluminense*. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2005.
- SILVA, Mauro Osorio et al. *Análise da dinâmica espacial dos complexos logísticos-produtivos e recomendações para o maior impacto positivo dos empreendimentos estruturantes*. Plano Diretor Estratégico de Desenvolvimento Sustentável da Meso-Região do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro (Relatório Final da Política de Desenvolvimento Econômico e Social - PDES). Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2011.
- SOBRAL, Bruno Leonardo Barth. *Ciclo de investimentos e o papel das estratégias de grandes agentes econômicos: o caso da periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – 1995-2010*. 2012. Tese (Doutorado em Economia)– Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- _____. *A desconcentração produtiva regional no Brasil: análise do caso do Estado do Rio de Janeiro - 1970/2005*. 2007. Dissertação (Mestrado em Economia)–Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.
- VERSIANI, Maria Helena. *Padrões e práticas na política carioca: os deputados federais eleitos pela Guanabara em 1962 e 1970*. 2007. Dissertação (Mestrado em História Social)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.